A Antropologia entre o Instituto do Ceará e a Universidade Federal do Ceará

Isabelle Braz Peixoto da Silva*

Excelentíssimo Senhor presidente do Instituto do Ceará, professor Ednilo Gomes de Soárez, autoridades que compõem a mesa de honra, Sr. José Augusto Bezerra, bibliófilo e presidente da Academia Cearense de Letras, Sr. Pedro Sisnando Leite, 1º Vice-Presidente desta entidade, prezados consócios, demais colegas, alunos, amigos e familiares queridos, a quem cumprimento nas pessoas de meus pais, Silvio Braz Peixoto da Silva e Rita Karam Braz;

Esta é uma noite de muita alegria e muitos agradecimentos.

Dos meus anos iniciais de estudante universitária de Ciências Sociais, lembro-me da primeira vez em que pus os pés neste elegante palacete, do fascínio e admiração que ele me provocou. Na ocasião, vim com uma colega de turma, Verônica Maria de Paula Gonçalves (*in memoriam*), em busca do livro de Carlos Studart Filho, *Os aborígenes do Ceará*, para realizar o meu primeiro trabalho em Antropologia, sobre os índios do Ceará. A partir da leitura do livro citado, tentei fazer um mapeamento da distribuição espacial dos diferentes grupos indígenas que habitavam o território do Ceará, no período pré-colonial. – Quem diria que, passados trinta e tantos anos, estaria eu, no sempre cobiçado solar, tomando posse como sócia efetiva do tão prestigioso Instituto do Ceará.

Devo esta honra, primeiramente, a Rejane Vasconcelos Accioly de Carvalho, minha mais que competente professora e orientadora na graduação, que acreditou e me convidou para concorrer a uma vaga nesta Casa. Meus agradecimentos a Rejane, ao professor Paulo Elpídio de Menezes Neto, ao Dr. Paulo Ayrton Araújo e aos colegas Clélia Lustosa Costa e Eduardo de Castro Bezerra Neto, que endossaram minha candidatura.

* Sócia Efetiva do Instituto do Ceará

Agradeço também aos que insistiram em reapresentar meu nome para as eleições. - Deixo aqui o registro para os que ainda virão, que nem sempre é fácil, mas é possível. Agradeço ainda aos confrades que fizeram minha campanha com muita dedicação, aos que em mim votaram e aos que não votaram, sempre considerando o que melhor serviria ao Instituto e a continuação de sua obra.

Agradeço também, aos meus familiares pelo envolvimento, apoio e torcida, nesta e em outras passagens significativas de minha vida pessoal e profissional. Agradeço pelo respeito, estima e aprendizado mútuo que temos praticado, nas grandes e pequenas coisas, inclusive quando minhas filhas, Cecília e Rachel Braz Arcanjo, desvendam irritantes dificuldades com as novas tecnologias ou atuam como auxiliares insuspeitas de minhas pesquisas. Ao meu pai, Silvio Braz Peixoto da Silva, reconhecido jurista e brilhante homem público, com muitos serviços prestados ao Estado e à sociedade cearense, com quem aprendi desde cedo o gosto pela leitura, pela reflexão e por um comportamento comprometido e ético. A minha mãe, Rita Karam Braz, com quem aprendi a ser laboriosa, curiosa e determinada, características fundamentais a uma boa pesquisadora. A família Machado Arcanjo pela convivência familiar, especialmente a Dra. Maria Nogueira Machado Arcanjo, médica e poetisa, com quem estabeleci relações de parentesco por afinidade e em quem descobri, *a posteriori,* afinidades intelectuais e profissionais, pela valorização da independência feminina e o gosto pelo trabalho próprio. E a seu filho, o cientista político e professor, José Estevão Machado Arcanjo, meu ex-marido, insubstituível companheiro de jornada e colega de ofício, sempre arguto e solícito nas trocas acadêmicas.

Em uma circunstância como essa, é inevitável o pendor para uma avaliação do caminho percorrido até aqui, e forçoso é, também agradecer aos grandes mestres e colegas encontrados ao longo do processo de formação intelectual. Cito aqui a professora Maria Auxiliadora Lemenhe, com quem aprendi os primeiros conceitos e manejos da teoria social, na Universidade Federal do Ceará, o professor Ismael Pordeus, sempre inquieto e provocativo, a professora Elza Franco Braga, quem primeiro me auxiliou na busca pelo primeiro emprego, a colega de departamento, Maria Sylvia Porto Alegre, que me estimulou a retomar os estudos indígenas, quando retornei à Universidade Federal do Ceará, como professora do departamento de Ciências Sociais, o professor John Manuel Monteiro (*in memoriam*), meu orientador de tese na Universidade de Campinas,

profundo conhecedor da história indígena no Brasil e nas Américas, a professora Maria Manuela Cardoso da Cunha, da Universidade de São Paulo, que muito me influenciou pelos seus estudos e pesquisas acerca do Padre Antonio Vieira e os índios da Serra da Ibiapaba, a João Pacheco de Oliveira, professor do Museu Nacional, com o desenvolvimento de suas pesquisas em antropologia histórica e etnologia, inclusive sobre os índios do nordeste, com quem muito tenho aprendido.

Também não posso deixar de lembrar os ex-alunos, formados sob minha supervisão de monografias, dissertações ou teses. Para uma professora, ou professor, nada é mais importante do que o sentimento de ter contribuído para a formação de um novo profissional, restando sempre um sentimento familial, de quem se tornou responsável por parte do destino de outrem. No meu caso, começo a sentir o orgulho de ver ex-alunos tornando-se professores, como Jouberth Max Maranhão Piorsky Aires, Carmen Lúcia Silva Lima e Gustava Bezerril Cavalcante, todos antropólogos-professores de universidades públicas.

Sou grata também aos alunos em formação, por me darem a oportunidade de continuar no exercício do magistério, ensinando e aprendendo, contando com suas colaborações e entusiasmo no desenvolvimento de projetos de pesquisa, extensão e produção de eventos, que tornam a vida acadêmica mais rica, gratificante e animada.

Agradeço mais uma vez, aos diretores da Casa e funcionários (Marinez Alves, Diego Morais, Nonato Gomes) com quem começo a conviver, pela recepção carinhosa e presteza com que têm me guiado neste novo lar.

Senhores,

Passar a fazer parte do quadro de sócios efetivos do Instituto do Ceará evoca muita responsabilidade. Pois não se pode pertencer a uma entidade como essa, produtora e guardiã de precioso acervo sobre o Ceará, sem que se tome para si a incumbência de manter e ampliar a riqueza de conhecimento, que seus ilustres antecessores gestaram.

O Instituto do Ceará, como é sabido, foi fundado em 04 de março de 1887, em meio à efervescência cultural nacional e local. Por meio dele, segundo Almir Leal (2001), o Ceará entrou no debate nacional, construiu a ideia de "pátria cearense" e obteve algumas respostas sobre seu passado. Permitiu, assim, a construção de um discurso identitário, assentado nos ideais republicanos e abolicionistas. A Revista do Instituto do Ceará, uma de suas joias de maior valor, foi um importante veículo de disseminação de ideias e posições.

Dentre suas temáticas fundantes, destaco os estudos sobre o "passado indígena do Ceará", realizados por Guilherme Studart (o Barão de Studart), Paulino Nogueira e Antonio Bezerra de Menezes. Dentre estes, Barão de Studart deixou a maior contribuição. Suas obras trazem, além de informações, documentos importantes sobre a Guerra dos Bárbaros, o tráfico de índios, a primeira missão da Serra da Ibiapaba, e aspectos diversos da história da província, relevantes para o estudo dos povos indígenas. Paulino Nogueira trouxe valiosas contribuições sobre vocabulários indígenas e a memória da primeira ação catequética de índios no Ceará, conduzida pelo padre Francisco Pinto. Antonio Bezerra, por sua vez, produziu contribuição ímpar, sobre os aldeamentos indígenas de Caucaia, Parangaba e Paupina; e sobre as disputas pela terra dos Paiacu.

É preciso reportar a uma primeira geração de pesquisadores sobre a história do Ceará, que inclui os nomes de Tristão de Alencar Araripe, Thomaz Pompeu de Souza Brasil, João Brigido e Pedro Theberge. Neles encontramos a história da colonização cearense e da formação da província, que trazem informações indispensáveis para o estudo da temática indígena.

Outra geração de pesquisadores do Instituto incorporou às suas fontes, aquelas fornecidas pelo recém-criado Arquivo Público do Estado, em 1932. Ressalto para este período os inestimáveis estudos e pesquisas de Thomaz Pompeu Sobrinho e Carlos Studart Filho. A obra de Pompeu Sobrinho contempla um vasto leque que abrange temas da arqueologia, da linguística e da etnologia indígena nordestina. Os escritos de Studart Filho, também de excelente qualidade, apontam significativas inovações epistemológicas, à medida que escapam de dualismos maniqueístas e passam a valorizar as ações indígenas, e não apenas as suas reações, no contexto da Conquista Colonial.

Após a década de 1960, a reflexão sobre a questão indígena no Ceará perde vigor, em que pese algumas contribuições, produzidas pelos folcloristas, por Zélia Camurça, Valdelice Girão, e somente a partir do final dos anos 80, surge uma nova série de estudos sobre a temática, desta feita, encabeçados pela universidade, e não mais pelo Instituto do Ceará. Para este período, é inegável a importância de Maria Sylvia Porto Alegre (UFC), que reinaugura o campo dos estudos indígenas, juntamente com o professor Francisco Pinheiro (UFC) e o então bolsista do curso de História (UFC), Fabiano dos Santos. Esta não foi uma iniciativa isolada, senão que se deu a partir de um grande projeto interinstitucional, capitaneado pelos

professores Manuela Carneiro da Cunha (USP) e John Manuel Monteiro (UNICAMP), que tinha como objetivo resgatar documentos sobre a História indígena do Brasil, em arquivos portugueses, bem como produzir uma nova historiografia e antropologia histórica, a partir dos pressupostos da desvitimização dos povos indígenas conquistados e da valorização de suas práticas, táticas e saberes, de tal modo que se possa observar, no contexto das relações violentas da Conquista e dominação, contradições, negociações e heterogeneidade nas relações interétnicas coloniais e pós-coloniais. É nesta linhagem que eu me insiro, assumindo grande responsabilidade de "animar" e dar continuidade aos estudos culturais, relativos a povos indígenas no Ceará, seu passado e seu presente. Incorporando ainda pesquisas sobre comunidade negras e o Museu Arthur Ramos.

Neste ponto, suspendo a exposição sobre os estudos indígenas no Ceará, apenas fazendo alusão que, se temos agora a oportunidade de reintroduzir estes estudos no Instituto do Ceará, o mesmo foi fundamental, quando da instalação e desenvolvimento do campo da antropologia na então Universidade do Ceará, a partir da criação do Serviço de Antropologia, na Universidade, no ano de 1957. Seu primeiro diretor foi Tomaz Pompeu Sobrinho, que à altura exercia o cargo de Presidente do Instituto do Ceará. O serviço de antropologia transformou-se no Instituto de Antropologia, que funcionou na sede do Instituto do Ceará e depois, por força da Reforma Universitária de 1968, foi absorvido pelo atual Departamento de Ciências Sociais, em atividades, patrimônio e corpo técnico. Sua história está por ser mais bem contada. Deixo aqui registrado os esforços da professora Sulamita Vieira, do citado departamento, no sentido de pesquisar e escrever sobre esta história, fomentar nossa memória. Registro também uma queixa sobre nós, cientistas sociais, que ensinamos muito sobre história, memória e identidade, mas cultivamos muito pouco as nossas...

Gostaria agora de discorrer sobre minha ilustre antecessora, a professora Valdelice Girão.

Quis os desígnios superiores, que a penúltima vaga aqui surgida, ocorresse em razão do falecimento da estimada professora Valdelice Girão. Ao aceitar o desafio de concorrer mais uma vez, levei em conta a avaliação de alguns colegas - em detrimento de avaliações divergentes -, do quão oportuno era a reapresentação de minha candidatura, por tratar-se da vaga deixada pela professora Valdelice Girão, mulher de fibra que tive a oportunidade de conhecer, quando aluna de graduação, com quem muito

aprendi sobre a formação social do Ceará. Seu livro, *As oficinas ou charqueadas no Ceará*, primeira edição de 1984, é uma obra que mereceria maior prestígio, dado o esmiuçamento do ciclo produtivo da pecuária e sua relevância para a formação do Ceará.

Foi com a professora Valdelice Girão que conheci e aprendi a dar valor ao Museu Arthur Ramos. Agora, por ironia do destino (ou conspiração dos deuses), iniciei no ano passado, 2014, uma nova pesquisa, justamente sobre o acervo do Museu Arthur Ramos. A realização desta nova empreitada é fruto de um edital do Ministério da Cultura em sociedade com a Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, pelo qual fui contemplada em parceria com a museóloga Maria Josiane Vieira e o antropólogo Emmanuel Bastos Lopes, junto com uma equipe de outros novos pesquisadores.

Por outro lado, saber que era vontade da profa. Valdelice a ampliação do número de mulheres no quadro do Instituto, foi um estímulo a mais. Estes dois fatores, aliados ao fato de que o Instituto foi e continua a ser parte de minha vida acadêmica, como fundamental centro de documentação e pesquisa sobre o Ceará e o Brasil, foram definitivos para que eu submetesse, novamente, o meu nome, para a disputa.

Valdelice Girão ascendeu à condição de sócia deste Instituto em 4 de novembro de 1988. Mas muito antes disso, já prestava serviço e era integrada nas suas atividades. Como ela mesma dizia, sentia-se sócia desde 1953, quando, ainda adolescente, foi trazida pelo historiador Raimundo Girão, secretário geral do Instituto e, ao mesmo tempo, diretor do Museu Histórico e Antropológico do Ceará (atual Museu do Ceará), para neste Museu trabalhar. Ocorre que o Museu funcionava anexo ao Instituto, e por essa proximidade, Valdelice usufruiu da convivência e dos ensinamentos do Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho, do Dr. Carlos Studart Filho, do Dr. Mozart Soriano Aderaldo e de tantos outros intelectuais de grande envergadura. Do Museu do Ceará, Valdelice passou a funcionária da Universidade do Ceará (atual Universidade Federal do Ceará), lotada no Instituto de Antropologia, que também funcionava nas dependências do Instituto do Ceará. Vê-se então, que, embora lotada em instituições distintas, ocupando cargos diversos, a formação profissional da professora Valdelice Girão girou sempre em torno do Instituto do Ceará, sendo levada a tornar-se professora de História do Ceará.

Recebeu do Instituto do Ceará, em 1974, a honraria de "Amiga do Instituto", em reconhecimento pela sua dedicação; e em 1987, recebeu a medalha comemorativa ao 1º Centenário da Fundação do Instituto do Ceará. Quando eleita sócia efetiva, condição a que sempre almejou, obteve a unanimidade dos votos dos sócios presentes à sessão. Contudo sua felicidade foi repartida com a dor que sentia, pois justamente a vaga que passava a ocupar, era a de seu grande mestre, primo e padrinho, Raimundo Girão.

Valdelice cumpriu rigorosamente os ensinamentos e o compromisso com o trabalho, aprendidos com seu mentor, sempre dedicada ao Instituto e à vida acadêmica: de menina tímida, vinda de Morada Nova para completar os estudos do ginasial no Liceu do Ceará, tornou-se professora de História da Universidade Federal do Ceará. Antes disso, graduou-se em Geografia, pela Faculdade de Filosofia do Ceará, (FAFICE), em 1971 e concluiu a licenciatura em História, na Universidade Estadual do Ceará (UECE), em 1975. Posteriormente, já professora, fez o curso de Especialização em História de Pernambuco, concluído em 1977 e o Mestrado em História do Brasil, na Universidade Federal de Pernambuco, concluído em 1979, com a dissertação, que se tornou livro, já citado, "As Oficinas ou Charqueadas no Ceará".

Valdelice é dona de uma extensa produção bibliográfica (em anexo), e começou a publicar nas Revistas do Instituto do Ceará muito antes de ser admitida como sócia efetiva. Também ocupou diversos cargos e funções públicas, que vão arrolados em anexo a este discurso. Por ora, gostaria de destacar as atividades de Valdelice Girão, ligadas à museologia e ao acervo do casal Arthur e Luisa Ramos.

A professora foi primeiramente Conservadora do Museu Histórico e Antropológico do Ceará, entre 1953 e 1960. Depois foi Pesquisadora do mesmo Museu, a partir de 1961. Por este período, foi designada pelo Reitor Antonio Martins Filho para conhecer e dar parecer acerca da compra do acervo do antropólogo Arthur Ramos, consagrado pesquisador da cultura negra no Brasil. Além das peças relativas à cultura negra, o acervo Arthur Ramos também envolvia expressiva coleção de D. Luísa Ramos, de rendas de bilros.

Tornou-se Conservadora do Museu Arthur Ramos, que ficou sob a guarda do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, entre os anos

de 1969 e 1973 e acompanhou o mesmo Museu quando ele foi deslocado para a Casa José de Alencar, tornando-se supervisora dele. Nesta trajetória, constituiu-se em nossa maior especialista em rendas de bilros, tema para ela incansável e inesgotável.

Legou-nos de presente, antes de sua partida, mais uma caprichada edição, intitulada *Renda de Bilros*. Infelizmente, não teve tempo de viver a alegria do lançamento de seu primoroso trabalho.

Deixa-nos uma lição de dedicação à vida acadêmica, determinação e amor ao estudo da História, da Geografia e da Antropologia do Ceará.

(Discurso de posse de sócia-efetiva, em 27 de fevereiro de 2015)

ANEXO

Atuação profissional e produção bibliográfica de Valdelice Carneiro Girão:

Cargos e funções públicas:

Conservadora do Museu Histórico e Antropológico do Ceará – 1953 a 1960;
Conservadora do Museu do Instituto de Antropologia da UFC – 1960 a 1968;
Pesquisadora do Museu Histórico e Antropológico do Ceará – 1961;
Conservadora do Museu Arthur Ramos, do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da UFC – 1969 a 1973;
Professora da Faculdade de Filosofia do Ceará – 1972;
Orientadora Pedagógica do Centro de Estudos Supletivos do Ceará – 1974;
Professora do Curso de História do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da UFC – 1974;
Coordenadora do Curso de História da UFC;
Supervisora do Museu Arthur Ramos, Casa José de Alencar, UFC – 1974;
Sócia, na categoria "Amiga do Instituto", do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) – 1974;
Sócia da Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH); Secretária da ANPUH;
Sócia da Sociedade Cearense de Geografia e História;
Sócia da Academia de Ciências Sociais do Ceará;
Sócia Efetiva do Instituto do Ceará – 1988;
Membro da Comissão Cearense de Folclore.

Produção bibliográfica (livros e artigos em revistas):

"Contribuição à Nomenclatura e Classificação das Rendas do Ceará", 1963.
"Rendas e Bordados do Ceará", 1965.
"Renda de Bilros e seus artifícios", 1966.
"A Coleção Arthur Ramos", 1971.
"Cerâmica Indígena do Ceará", 1972.
"O Meu Ceará", 1977.
"Os movimentos Pré-políticos da Década de 1840-50 em Pernambuco - Mata-mata e Fecha-fecha", 1982.
"Dependência da Capitania do Ceará ao Governo de Pernambuco, 1656-1799", 1982.
"Arthur Ramos e sua Coleção", 1983.
As Oficinas ou Charqueadas no Ceará, 1984.
Renda de Bilros, 1984.
"O governo Caio Prado e a migração cearense em 1888", 1987.
"Caio Prado, Presidente do Ceará – 1888/1889", 1988.
"A posse da Saudade", 1988.
Guia do Pesquisador, 1988.
"Arthur Ramos – O Antropólogo", 1989.
"O processo de ocupação do espaço do Ceará", 1989.
"As charqueadas no Ceará", 1989.
Pacajus: De Aldeia a Cidade, 1990.
"A Emigração Cearense no Governo Caio Prado (1888-1889)", 1990.
"Hugo Catunda Brasil Fontenele", 1990.
"Os Índios Paiacu, Primeiros Habitantes de Pacajus", 1991.
O Ceará no Senado Federal. 1992.
"A pedra do Letreiro", 1994.
"As oficinas ou charqueadas", 1995.
"Eusébio Neri Alves de Sousa", 1997.
"Hugo Victor Guimarães e Silva", 1998.
"Florival Seraine – O Homem", 1999.
"Raimundo Girão, O Cidadão", 2000.
Raimundo Girão – O Homem 1900/2000. (organizado em parceria com Eurípedes Chaves Júnior). 2000.
Bibliografia Cearense - Século XIX e XX - 1825-1930. 1° volume, 2001.
"Estudos Históricos e de Evolução Urbana da Cidade de Aracati", 2001.
"A mulher no Instituto do Ceará", 2001.
Renda de Bilros. 2ª edição, 2014.